Artigo original
https://doi.org/10.54260/eb.v39i147.1004
ESTUDOS BÍBLICOS

A crença e culto ao casal divino Asherah e YHWH em Israel e Judá:

evidências arqueológicas e a redação dos textos da Bíblia Hebraica

The belief and cult to the divine couple Asherah and YHWH in Israel and Judah: Archaeological evidence and the redaction of the texts of the Hebrew Bible

Sue'Hellen Monteiro de Matos*

* Doutora e Mestre em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo. Docente na Universidade Metropolitana de Santos, Santos, Brasil. Membro do Grupo de Pesquisa Arqueologia do Antigo Oriente (PUCPR).

suehellen.matos@gmail.com.

Recebido em: 19/04/2024

Aprovado em: 06/06/2024

Licença *Creative Commons* CC BY-NC 4.0

Resumo

A crença e o culto à Asherah na religião de Israel e Judá desenvolveram-se de forma autóctone, pois não se trata de uma divindade estrangeira, mas de uma Deusa que estava presente desde a organização das cidades-estados de todo o Levante. Neste desenvolvimento, a Deusa passou a ser cultuada ao lado de YHWH em Israel e Judá. Por isto, este artigo objetiva apresentar e discutir as evidências epigráficas e iconográficas acerca da crença e culto ao casal divino, Asherah e YHWH, encontradas em Israel e Judá, contrapondo com a redação bíblica, a qual, intencionalmente negligencia esta crença e culto ao casal divino, uma vez que os textos da Bíblia Hebraica são resultados de um longo período de redação, entre os séc. 8 a 1 AEC, influenciado pelas ideologias dos grupos que os escreveram. Por fim, a partir dos resultados levantados, o artigo propõe a reconstrução da memória acerca da crença e culto ao casal divino.

Palavras-chave: Casal divino. Asherah e YHWH. Crença e culto. Evidências arqueológicas. Bíblia Hebraica.

Abstract

The belief and cult to Asherah in the religion of Israel and Judah developed in an autochthonous way, as it was not a foreign deity, but a Goddess who had been present since the organization of the city-states throughout the Levant. In this development, the Goddess came to be worshipped beside YHWH in Israel and Judah. For this reason, this article aims to present and discuss the epigraphic and iconographic evidence of the belief and cult to the divine couple, Asherah and YHWH, found in Israel and Judah, contrasting it with the biblical redaction, which intentionally neglects this belief and cult to the divine couple, since the texts of the Hebrew Bible are the result of a long period of redaction, between the 8th and 1st centuries B.C.E., influenced by the ideologies of the groups that wrote them. Finally,

abib
Associação Brasileira de Pesquisa Bíblica

based on the results obtained, the article proposes a reconstruction of the memory of the belief and cult to the divine couple.

Keywords: Divine couple. Asherah and YHWH. Belief and cult. Archaeological evidence. Hebrew Bible.

1 Introdução

A Deusa Asherah, outrora esquecida nas linhas e entrelinhas dos textos bíblicos e de suas traduções, encontra seu espaço na pesquisa a partir das descobertas arqueológicas do último século, em especial, com as descobertas dos textos mitológicos de Ugarit. Entretanto, ainda há traduções dos termos hebraicos referentes à Deusa ou ao seu símbolo (*'ăšērah, 'ăšērot, 'ăšērîm*), que são traduzidos como objetos idolátricos. Aliás, o próprio texto hebraico utiliza os substantivos desta forma, com exceção dos poucos usos em que o termo é utilizado para referir-se à própria Deusa. Além disso, as 40 vezes que Asherah e seus símbolos são mencionados na Bíblia Hebraica relatam, em sua maioria, um culto à Deusa independente de YHWH, e algumas vezes associada a Baal (cf. Jz 6,25). Há apenas um indício literário que pode aludir ao culto ao casal divino, Asherah e YHWH (Dt 16,21), o qual será discutido no decorrer deste artigo.

Deste modo, considerando que o texto bíblico é resultado de um longo período de redação, entre os séc. 8 a 1 AEC, influenciado pelas ideologias dos grupos que os escreveram, é fundamental discutir as evidências arqueológicas, datadas do período do Ferro (séc. 12-6 AEC), que atestam a crença e o culto ao casal divino Asherah e YHWH.

Entretanto, antes entrar na discussão dos materiais, faz-se necessário pontuar o que se entende por crença e por culto. A distinção é necessária, pois, quais elementos que indicam que tal objeto representativo de Asherah indica um culto no lugar em que foi encontrado? Ou esta evidência expressa a crença da divindade? Ou ambos?

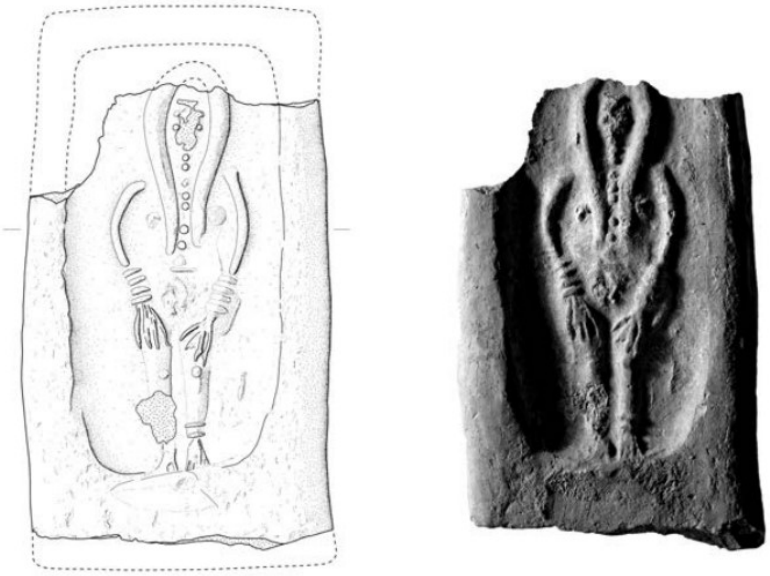
Para esta distinção, sigo a hipótese teórica de Cardoso (2019, p. 89), na qual o autor compreende a religião, enquanto sistema cultural, se expressa por símbolos em duas dimensões distintas: crença (disposições) e prática (ações). A crença consiste na compreensão das estruturas da prática religiosa. Assim, o autor propõe a análise das práticas para depois construir a estrutura da crença. Por conseguinte, é necessário examinar as evidências e não impor sobre elas os conceitos pré-estabelecidos.

Deste modo, o culto é o conjunto destas práticas, e crença como as disposições sobre tais práticas, embora nem todas as evidências primárias reflitam estas práticas cúlticas, antes expressam as estruturas de crença do povo de um determinado local.

Inclusive, importante salientar que, anteriormente a crença e o culto ao casal divino, atestado no período do Ferro, há evidências anteriores que demonstram que a crença e o culto à Deusa Asherah desenvolveram-se de forma autóctone, pois não se trata de uma divindade estrangeira inserida em Israel e Judá, mas de uma Deusa que estava presente desde a organização das cidades-estados, e posteriormente, com a formação dos reinos Israel e Judá.

Por exemplo, em Tel Azekah, localizada a 27 km a sudoeste de Jerusalém, em uma importante rota, foram encontradas plaquetas com representação de uma Deusa, datadas do período do Bronze Tardio. Em uma delas, conforme imagem a seguir (fig. 1), a representação da divindade estaria sentada, devido à proporção das pernas e os pés sob um descanso. Tal posição simboliza autoridade, logo, a imagem representa os diferentes aspectos do venerável poder feminino, principalmente a função de governante e protetora da cidade. Portanto, seria a representação de uma *Elat,* uma divindade feminina sendo caracterizada como uma governante rica e sábia (OEMING *et al.*, 2016, p. 212-216).

Figura 1 – Plaqueta encontrada em Tel Azekah



Fonte: Oeming *et al.* (2016, p. 212).

Possivelmente, a mulher desta plaqueta seria uma representação da Deusa Asherah, a qual é conhecida na região como a governante do cosmos ao lado de El, segundo os épicos de Ugarit. Deste modo, observa-se que as características da Deusa não se restringem apenas à maternidade, mas também ao governo do cosmo, e, por conseguinte, poderia ser uma divindade patrona de Azekah.

2 Evidências arqueológicas da crença e culto ao casal divino em Israel e Judá

As evidências arqueológicas que atestam o culto e a crença ao casal divino em Israel e Judá são datadas a partir do séc. 10 AEC, as quais serão apresentadas nesta seção do artigo seguindo a datação dos achados.

Um objeto cultual de quatro andares (fig. 2), datado do séc. 10 ou 9 AEC, foi encontrado em Taanach, na parte sul do vale de Jezrael, em Israel. Este objeto é decorado com um rico conjunto de elementos sagrados: nos dois andares superiores mostram uma árvore estilizada e um disco solar acompanhado de um cavalo; nos andares inferiores a representação de uma figura feminina nua ladeada por leões, conforme se observa na imagem:

A pesquisadora Judith Hadley (2000, p. 169-176) identifica o casal divino, Asherah e YHWH, neste objeto cúltico. Para a autora, os símbolos superiores, bezerro com o disco solar e a árvore com os animais alimentando-se dela, seriam representações de YHWH e Asherah, respectivamente. A figura feminina seria a representação da própria Deusa Asherah, e, em sua dedução, a abertura guardada por duas esfinges seria uma maneira de simbolizar a presença de YHWH, não por uma imagem, mas pela fumaça que se fazia escapar, sendo uma espécie de nuvem representando a manifestação divina.

Figura 2 – Objeto cultual encontrado em Taanach.



Fonte: Hadley (2000, p. 170).

Este culto ao casal divino, Asherah e YHWH, também é evidenciado em Judá. Nas escavações em Tel Arad, localizado no deserto da Judéia, ao sul do antigo território de Judá, encontraram um templo javista, datado por volta do séc. 10 AEC, e que provavelmente esteve em uso até meados do séc. 7 AEC, cujo santo dos santos possuía duas estelas uma maior representando a divindade masculina e outra menor representando a divindade feminina. Na frente de ambas, dois pequenos altares para queimar o incenso. Portanto, indicando o culto ao casal divino (KAEFER, 2012, p. 33-34).

O santo dos santos encontrado nas escavações foi transportado para o Museu de Israel (fig. 3). Nota-se que não consta a estela referente à divindade feminina, apenas a marca de sua presença. Acontece que, quando escavaram Arad, encontraram as duas estelas no chão, que, de acordo com Römer (2017, p. 330) teria sido cuidadosamente colocada no chão, por isso, para o autor, seria improvável que houvesse uma destruição do santuário de Arad nos tempos de Josias. No entanto, quando este santuário é transportado para o Museu, apenas a estela da divindade masculina é levada. Por outro lado, no local das escavações em Tel Arad, foi reconstruído este santo dos santos (fig. 4) com as duas estelas em pé e os seus respectivos altares à frente.

De acordo com outras evidências encontradas neste local, trata-se de um templo javista porque encontraram ali diversas inscrições com nomes de famílias sacerdotais. Em uma delas trazia a expressão "casa de YHWH", o que pode indicar que a população de Arad considerava este templo como um legítimo lugar de adoração a YHWH (THOMPSON, 2007, p. 202). Deste modo, a divindade masculina representada no altar é YHWH, todavia, não há nenhuma inscrição para afirmar, categoricamente, que a estela menor seria a representação de Asherah. Contudo, considerando outras fontes deste período e a influência da religião e cultura ugarítica no desenvolvimento das cidades em todo o Levante, é plausível que a divindade feminina representada seja Asherah.

Portanto, no templo de Arad temos evidência do culto ao casal divino, Asherah e YHWH, embora os escritores bíblicos busquem apresentar um culto à Deusa independente de YHWH. Neste sentido, Römer (2016a, p. 165) argumenta que, mesmo que YHWH tenha sido venerado como Deus nacional, o que dá a ele um lugar privilegiado no culto oficial, todavia isso não exclui, de forma alguma, a adoração de uma Deusa ao seu lado como esposa.

Figura 3 – Santo dos Santos transportado para o Museu de Israel.



Fonte: Cortesia de Élcio Mendonça.

Figura 4 – Reconstrução dos Santos dos Santos do Templo de Arad.



Fonte: Cortesia de Élcio Mendonça.

Sendo assim, tem-se um culto "não exclusivamente javista". Sim, o culto ao casal divino é um culto javista. Utilizo esta expressão para evidenciar que YHWH é uma dentre as divindades cultuadas em Israel e Judá, inclusive Jerusalém. Apenas o uso do termo "politeísta", ou "pluralidade religiosa" não transparece com nitidez que YHWH fazia parte, justamente por conta das lentes monoteístas para leitura do texto bíblico, o que pode levar a interpretações equivocadas quando se quer dissociar YHWH de qualquer outra forma de culto que não seja o monoteísmo javista.

Sobre este culto ao casal divino em Arad, a pesquisa de Eran Arie, Baruch Rosen e Dvory Namdar (2020, p. 5-28) aponta algumas possibilidades a partir da análise das substâncias impregnadas nas superfícies dos altares. No altar maior encontrou substâncias derivadas de incenso de Boswellia e vestígios de gordura animal, o qual era utilizado para queimar o incenso. No altar menor, a análise demonstrou a presença de *Cannabis sativa* e resíduos orgânicos atribuídos ao esterco animal, que provavelmente era utilizado para queimar a substância produzindo assim um maior efeito de fumaça. Tais descobertas apresentam algumas possibilidades acerca do culto ao casal divino, especialmente sobre o êxtase e fator econômico a partir da presença de *Cannabis* no altar da Deusa.

O êxtase, porque trata-se de uma substância psicoativa. Arie, Rosen e Namdar (2020, p. 16-17) demonstram o uso da *Cannabis* em diversos povos com o intuito de induzir o efeito psicoativo, em especial o estado de euforia. Salientam também os efeitos medicinais da erva, como a capacidade de aliviar a dor, principalmente a dor associada ao parto.

O econômico, pois é uma substância não originária de Judá. De acordo com os autores, a *Cannabis* teria sido importada de origens distantes e transportada como resina seca, geralmente conhecida como haxixe. Trata-se, portanto, de uma substância onerosa. Considerando que o forte de Arad, possivelmente, era uma instituição oficial de Judá, é possível inferir que os moradores e as moradoras teriam recursos para obter esses materiais (ARIE; ROSEN; NAMDAR, 2020, p. 22).

Continuando em Judá, as escavações em Kuntillet ‘Ajrud, localizada ao sul do deserto de Judá, trouxeram ao campo da pesquisa elementos fundamentais para a discussão acerca da crença ao casal divino, Asherah e YHWH. Foram encontraram duas jarras com desenhos e inscrições, datadas no séc. 8 AEC, que indicam a crença no casal divino, Asherah e YHWH.

Os desenhos têm gerado muitas discussões ao longo da pesquisa, principalmente porque tendem a interpretá-los a partir das inscrições nas jarras. Thomas Römer (2016a, p. 161-162) apresenta uma síntese sobre as diversas interpretações. De acordo com a interpretação de Mordechai Gilula, apresentada pelo autor, Asherah teria sido ‘masculinizada’ ganhando o membro sexual masculino como uma forma de censura à Deusa. Entretanto, as novas técnicas arqueológicas indicam que não havia desenho do membro sexual masculino na segunda figura do desenho (fig. 5).

Além disso, quando se analisa iconograficamente os desenhos, sem relacioná-los diretamente com as inscrições, nota-se que as figuras à frente possuem características egípcias. Segundo Christoph Uehlinger (1997, p. 142-146) as figuras são representações comuns de Bes, divindade protetora egípcia, as quais não possuem relação direta com a inscrição. Römer (2016a, p. 180-181) segue esta perspectiva das figuras serem representações de Bes, concluindo que é possível observar a ligação e identificação de YHWH com as imagens de Bes, especialmente as incorporações das características bovinas. Se isto é possível, poderia ser identificação de YWHW e sua Asherah nas figuras? Talvez.

O mais concreto para identificação de Asherah consiste na iconografia presente no verso da jarra, onde se encontra ao centro uma árvore estilizada ladeada por dois bodes selvagens sobre um leão (fig. 6). A árvore é o próprio símbolo da Deusa, que tem como seu animal favorito o leão (RÖMER, 2016, p. 162), tal como se observou no objeto cultual encontrado em Taanach.

Apesar de ser incerta a identificação do casal divino pelas imagens, as inscrições nas jarras evidenciam esta crença ao casal, Asherah e YHWH. Em uma jarra, Pithos A,

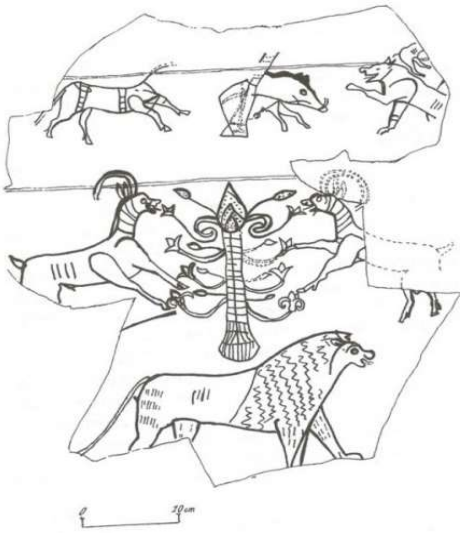
encontra-se a seguinte inscrição: “Diz [...] Diga a Jehallel [...] Josafá e [...]: Abençoo-vos em YHWH de Samaria e sua Asherah”. Na outra jarra, Pithos B, estão as palavras subsequentes: “Diz Amarjahu: Diga ao meu senhor: Estás bem? Abençoo-te em YHWH de Teman e sua Asherah. Ele te abençoe e te guarde e com meu senhor” (CORDEIRO, 2011, p. 35-39).

Figura 5 – Representações do Phitos A



Fonte: Römer (2016, p. 160).

Figura 6 – Verso do Phitos A



Fonte: Römer (2016, p. 161).

Conforme a hipótese de Jeremy Smoak e William Schniedewind (2019, p. 1-18), estas inscrições seriam cartas de prática de escrita de escribas, nas quais se utilizavam do contexto religioso para exercitar a grafia. Inclusive, os autores destacam a semelhança das inscrições com a bênção de Nm 6,24-26, a qual seria posterior à bênção de Kuntillet

‘Arjud, uma vez que a Deusa desaparece da bênção e outros elementos são acrescentados. Além disso, embora as inscrições contenham elementos religiosos, elas não indicam que Kuntillet ‘Arjud seria um local religioso, mas aponta para a importância da religião no desenvolvimento da escrita. Observa-se, portanto, a expressão da crença judaíta e israelita neste período.

Sob outra perspectiva, Nadav Na’aman e Nurit Lissovsky (2008, p. 200) discutem estes achados a partir da possibilidade da existência de um culto em Kuntillet ‘Arjud. Para os autores, haveria uma Árvore Sagrada próxima ao local onde as jarras foram encontradas, o que poderia explicar a ausência de sinais de atividades cúlticas, pois estas ocorriam no entorno da Árvore Sagrada. Assim, a construção de Kuntillet ‘Arjud teria servido para armazenamento das ofertas e tesouros à Deusa, e, numa segunda função, pouso para peregrinos.

Todavia, embora pudesse haver cultos sob a Árvore Sagrada, a ausência de artefatos que indicariam o culto local não pode ser decisiva para indicar que Kuntillet ‘Arjud era local cultual. O que está evidenciado é a crença no casal divino, Asherah e YWHW. Por isso, quanto ao local, o mais plausível é que Kuntillet ‘Arjud era um ponto de parada na rota comercial, e não um armazém para guardar as oferendas à divindade.

Aliás, Judith Hadley (2000, p. 155) já defendia esta hipótese das inscrições de Kuntillet ‘Arjud refletirem a crença das pessoas que viajam por esta rota, e deixaram ali “sua marca”, para utilizarmos a expressão da autora. Pra ela, não há evidências suficientes para apontar Kuntillet ‘Arjud como um local de culto ao casal divino. O que se tem de concreto é a crença das pessoas que escreveram nestas jarras.

Deste modo, considerando a hipótese de Hadley junto com a de Smoak e Schniedewind, é plausível compreender Kuntillet ‘Arjud como um local de pouso em meio a uma rota comercial e que estas inscrições são reflexos da crença de escribas, soldados e comerciantes que por ali passavam, pois, “embora o sítio tenha inscrições e desenhos com temas religiosos, isto não requer uma interpretação religiosa para o sítio como um todo. Pelo contrário, a religião fazia parte da vida cotidiana dos soldados, escribas e comerciantes que usavam o sítio” (SMOAK; SCHNIEDEWIND, 2019, p. 2).

Outro aspecto importante que o sítio de Kuntillet ‘Arjud oferece acerca do culto ao casal divino, é corroborar que a Deusa Asherah está presente na esfera monárquica, tal como o sítio de Arad também apontou, uma vez que o templo lá encontrado fazia parte do forte militar judaíta. Entretanto, Kuntillet ‘Arjud era um importante sítio para a monarquia israelita, no séc. 8 AEC. Conforme Israel Filkenstein (2015, p.165-168), o sítio era uma estação de parada junto a uma importante rota que levava até o mar mediterrâneo e por onde passava um vasto comércio. Esta rota era controlada por Israel Norte, pelo menos, na primeira metade do séc. 8 AEC, nos dias de Jeroboão II. Neste período, Judá era vassala de Israel Norte. Desta forma, a adoração a YHWH e Asherah não era apenas no âmbito familiar. A bênção do casal divino encontra espaços na vida das pessoas, no comércio, e também na monarquia.

Em Khirbet El-Qom, localizado a 12 Km a oeste de Hebrom, foi encontrado um túmulo com um pilar contendo uma inscrição, datado do séc. 8-7 AEC. Entretanto, este pilar está pouco preservado, o que impede uma boa reconstrução. Ziony Zevit (1984, p. 43) traduz por:

1.Uryahu, o próspero, sua inscrição:
2. Eu abençoei Uryahu para YHWH
3. E de seus inimigos, Oh, Asherata, salve-o.
4. [ ] Por Abiyahu

5. [ ] ??e para Asherata
6. [ ]A [she]rata

Segundo o autor, foi adicionada a terminação feminina do dialeto antigo, *at.* Por isso, analisando esta inscrição junto à de Kuntillet ‘Arjud, o autor conclui que se trata de uma divindade feminina (ZEVIT, 1984, p. 46). Contudo, a problemática maior da tradução desta inscrição está na linha 3, devido aos riscos que apresenta o artefato. Judith Hadley argumenta:

> A linha 3 deve ser traduzida ‘pois de seus inimigos, por sua asherah, ele o salvou’. Ou, ‘Yahweh e sua asherah’ poderiam ser tratadas como um estereótipo linguístico composto, e simplesmente traduzido ‘Abençoado seja Uriyahu por Yahweh e por sua asherah, pois de seus inimigos ele o salvou’ (HADLEY, 1987, p. 59, tradução própria).

De acordo com a autora, o termo *l’šrth* refere-se a um poste cúltico, um objeto de bênção, que, possivelmente estaria relacionado com a Deusa, mas não seria a divindade em si (HADLEY, 2000, p. 105). Nos textos da Bíblia Hebraica há diversas menções aos símbolos da Deusa ao invés de mencionar a própria divindade, como apresentarei na seção seguinte.

Por outro lado, Severino Croatto (2002, p. 35) apresenta outra tradução para a linha 2 e 3: “Bendito seja Uryahu por YHWH, Asherah sua luz”. Identificando, portanto, o termo *l’šrth* com a Deusa. De todo modo, seja uma menção à divindade em si, ou ao seu símbolo, a questão é que tal inscrição expressa a crença no casal divino, uma vez que, de acordo com Römer (2016a, p. 162), no Antigo Oriente Próximo as estátuas antropomórficas das divindades ou os seus símbolos podem ser objetos de culto.

Continuando com as evidências que expressam esta crença no casal divino, Garth Gilmour (2009, p. 87-103) identificou o casal YHWH e Asherah em um desenho pictórico gravado na superfície de um caco (fig. 7), datado no final do séc. 8 AEC, encontrado nas escavações da cidade de Davi. Observe a imagem a seguir:

Figura 7 – Imagem estilizada encontrada na cidade de Davi.



Fonte: Gilmour (2009, p. 88).

Figura 8 – Figura feminina da imagem estilizada.



Fonte: Gilmour (2009, p. 93).

Nota-se que o desenho apresenta duas figuras humanoides. Uma figura masculina com um triângulo invertido, reinando, provavelmente sobre montanhas, ou talvez as extremidades do trono. Ao seu lado, uma figura feminina representada com dois triângulos, sendo o superior a representação do rosto, nos mesmos moldes que o triângulo masculino, e o inferior sendo a representação do sexo. Nota-se que dentro do inferior há um triângulo menor invertido e um pequeno ponto, simbolizando o triângulo púbico e o umbigo (fig. 8).

Os traços deste desenho são típicos da iconografia religiosa canaanita[1] do período do Bronze Tardio. Deste modo, o autor aponta o desenho do triângulo púbico da figura como ponto central para a identificação do casal divino, uma vez que representaria o desenho de uma Deusa. Ademais, considerando as inscrições de Kuntillet 'Arjud, as quais são fundamentais para a discussão da crença religiosa de Judá no período do Ferro, o autor identifica estas figuras com o casal divino, Asherah e YHWH (GILMOUR, 2009, p. 95-100).

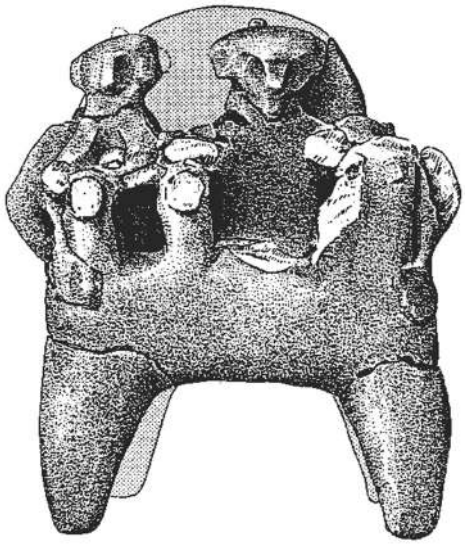
A identificação do casal divino neste caco evidencia a crença no casal divino também na capital de Judá, corroborando para a hipótese de que o culto e a crença ao casal divino não está apenas no âmbito familiar e periférico da religião judaíta, mas também no templo da capital e na religião estatal, pelo menos até o final do séc. 7 AEC.

Gilmour (2009, p. 100) ainda destaca que, segundo sua hipótese da representação do casal divino, esta seria a primeira representação pictórica de YHWH e Asherah juntos, bem como a primeira representação pictórica de YHWH encontrada até o momento. Além disto, este desenho aponta a contínua influência de elementos da cultura canaanita em Judá, segundo o autor. No entanto, é importante salientar que esta cultura canaanita não é estrangeira, como os textos bíblicos buscam apresentar, mas uma cultura do Levante Sul em continuidade desde o período do Bronze.

[1] Aqui, não entendo como uma cultura estrangeira em Judá, mas sim a continuidade da cultura do Levante Sul desde o período do Bronze.

Ainda em Judá, outra evidência do casal divino, Asherah e YHWH, foi identificada por Christoph Uehlinger (1997, p. 150-151) em uma terracota (fig. 9), aproximadamente de 16 cm, oriunda de Tell Beit Mirsim, em Judá, datada entre o séc. 8 e 7 AEC.

Figura 9 – Casal divino sentado no trono.



Fonte: Uehlinger (1997, p.151).

Nota-se nesta imagem a representação de casal divino sobre um trono, no qual a figura masculina ocupa o lugar central e uma figura feminina está ao seu lado, no mesmo nível horizontal. Ambos estão rodeados de animais sagrados, possivelmente leões, os quais estão associados às Deusas palestinas na tradição iconográfica deste período. Tal imagem evidencia a crença no casal divino enquanto rei e rainha do cosmos.

Em síntese, as evidências arqueológicas aqui apresentadas demonstram a crença e o culto ao casal divino, tanto em Israel quanto em Judá, inclusive em locais estatais, como o templo de Arad. Entretanto, será que a Bíblia Hebraica reflete este cenário?

3 Casal divino na redação dos textos da Bíblia Hebraica

Antes de entrar na discussão acerca dos testemunhos textuais sobre o casal divino na Bíblia Hebraica, é necessário salientar o seu processo redacional. Ou seja, ao trabalhar com os textos bíblicos, é fundamental considerar este processo de composição e redação, o qual é atravessado pelas ideologias dos grupos que escrevem. Desta forma, é possível realizar a discussão entre evidências arqueológicas e redação bíblica visando reconstruir a memória sobre o culto e a crença no casal divino, Asherah e YHWH, em Israel e Judá.

Embora as inúmeras traduções bíblicas, intencionalmente, não mencionem o nome da Deusa e de seus símbolos para a sua respectiva língua vernácula, o texto massorético atesta a presença da Deusa, ainda que de forma negativa, ou como algo a ser destruído. Aliás, este é um dos critérios das avaliações dos reis, seja nos livros dos Reis quanto nos livros das Crônicas. Isto é, os reis e rainhas que fazem *ʾăšērâ*/*ăšērôṯ*/ *ʾăšērîm*) são avaliados negativamente, como aqueles que fizeram mal diante de olhos de YHWH, já os mo-

narcas que destroem os símbolos da Deusa, são exaltados como aqueles que fizeram o que era bom aos olhos de YHWH.

Na Bíblia Hebraica a palavra "Asherah", em todas as suas formas gramaticais, aparece 40 vezes em 9 livros diferentes: Êxodo (1), Deuteronômio (3), Juízes (5), 1 Reis (5), 2 Reis (11), Isaías (2), Jeremias (1), Miquéias (1) e 2 Crônicas (11). O termo pode ser encontrado em sua forma singular *'ăšērâ*, correspondente ao nome da Deusa, ou como referência ao seu símbolo; em sua forma plural *ăšērôṯ*, que seria a conjugação correta de um substantivo feminino plural; e no plural masculino *'ăšērîm*.

Em síntese, classifico estas referências em: (1) Textos que se referem à Deusa; (2) Textos que apresentam o símbolo feminino da Deusa (*'ăšērâ*/*ăšērôṯ*); (3) Textos que apresentam o símbolo masculinizado da Deusa (*'ăšērîm*). Em relação ao nome próprio da divindade, tem-se os textos de 1Rs 15,13 e 18,19; 2Rs 21,7 e 23,4.7; 2Cr 15,16; e, possivelmente o texto de Jz 3,7. O símbolo feminino da Deusa (*'ăšērâ*/*ăšērôṯ*) aparece nos seguintes textos: Êx 34,13; Dt 7,5; Dt 12,3; Dt 16,21; Jz 6,25.26.28.30; 1Rs 14,15; 1Rs 16,33; 2Rs 13,6; 2Rs 17,16; 2Rs 18,4; 2Rs 21,3; 2Rs 23,6.15; 2Cr 19,3; 2Cr 33,3; Jr 17,2; Mq 5,13. Ao todo são vinte referências. Por sua vez, o símbolo masculinizado, *'ăšērîm,* é encontrado treze vezes na Bíblia Hebraica, em sua maioria no segundo livro das Crônicas (2Cr 14,2; 2Cr 17,6; 2Cr 24,18; 2Cr 31,1; 2Cr 33,19; 2Cr 34,2.4.7). O restante aparece distribuído em 1 Reis (1Rs 14,23), 2 Reis (2Rs 17,10 e 2Rs 23,14) e Isaías (Is 17,8 e Is 27,9).

Nota-se que, a maioria das referências à Deusa e ao seu símbolo na forma feminina, seja singular ou plural, encontra-se no Deuteronômio e na Obra Historiográfica Deuteronomista (OHD). A OHD compreende os livros de Josué a 2Reis, a qual se propõe, resumidamente, interpretar os acontecimentos de modo unilateral pelo viés da culpa e juízo divino sobre o bom e o mau rei (SCHMIDT, 2009, p. 141)[2]. Em suma, de acordo com Römer (2008, p. 52-53), as primeiras atividades literárias dos deuteronomistas se deram na corte de Jerusalém, durante o séc. 7AEC, por funcionários da corte, possivelmente escribas, os quais visam fornecer suporte ideológico à política de centralização do governo de Josias, tornando Jerusalém como centro político. E, por conseguinte, centro religioso promovendo a adoração monolátrica à Javé em nível de religião de Estado. Entretanto, a discussão sobre quem são os deuteronomistas, e se eles de fato redigiram e reeditaram toda a OHD sem interferência de outros grupos ainda está em aberto. Por isto, trabalho com o conceito de redatores bíblicos, uma vez que discuto a memória final registrada, a qual contém traços redacionais de mais de um grupo, como pode ser observado na perícope de 2Rs 23,4-14, na qual se tem menção ao nome da Deusa, mas também ao seu símbolo masculinizado, indicando uma possível camada redacional[3].

Aliás, esta masculinização do substantivo plural ocorre, como destacado, majoritariamente em Crônicas, e, outros textos que apresentam possibilidades de camadas redacionais tardias, do período persa em diante. Assim, compreende-se este processo da masculinização do substantivo, dentro deste processo da consolidação do monoteísmo no segundo templo, como uma forma de apagar qualquer memória da Deusa, tornando-a apenas um objeto idolátrico de madeira. Já não bastava destruir o seu símbolo, ou a sua representação, é preciso apagar qualquer possibilidade de memória sobre ela.

[2] Um bom resumo sobre a história da pesquisa pode-se encontrar em Römer (2016b, p. 109-133).
[3] Para a discussão específica deste texto, veja Matos (2024, p. 85-153).

Entretanto, tratando-se dos textos bíblicos, eles se desenvolvem como memória narrada a partir dos interesses de quem os escrevem. Se há o registro, a memória, há o esquecimento. Segundo Ricoeur (2020, p. 455), é impossível lembrar-se de tudo, assim como não dá pra narrar todos os acontecimentos. Então, nesta dinâmica entre o que lembrar e o que esquecer, a narrativa será sempre seletiva. Tal seleção é influenciada por diversos motivos, inclusive em perspectiva de gênero, como pode ser observado em relação a esta masculinização dos termos referentes à Deusa Asherah. Porém, é justamente neste processo de apagamento de memória – o que Ricoeur chama de manipulação da memória – que encontram-se os rastros, a partir dos quais torna-se possível reconstruir a memória da Deusa, de seu culto, e, inclusive, do culto ao casal divino.

Conforme observado até aqui, há várias menções a Deusa Asherah nos textos da Bíblia Hebraica, porém, não há nenhuma menção direta ao casal divino, Asherah e YHWH. Seria isto motivo suficiente para dizer que não retrata o que já foi evidenciado pela cultura material? É justamente neste processo de política de memória que seguimos os rastros.

Uma menção direta a Asherah sendo cultuada ao lado de uma divindade masculina encontra-se em Jz 6,25.26.28.30. Neste texto, Gideão recebe e cumpre a missão divina para destruir o altar de Baal e cortar a *'ăšērâ* que estava junto do altar. Com as madeiras da *'ăšērâ,* Gideão deveria ofertar sacrifício a YHWH. Se o símbolo de Asherah aparece junto ao altar de Baal, não poderia aparecer junto a YHWH? Ou, se nos textos mitológicos ugaríticos, Asherah é consorte de El e não Baal, e, em muitos textos da Bíblia Hebraica, YHWH, assume algumas características do Deus da tempestade, não poderia ser o próprio YHWH? A questão é que o texto coloca Asherah junto a Baal como forma de colocá-la como opositora a YHWH, tal como Baal.

No entanto, ainda que os textos bíblicos não trazem a afirmação direta sobre o culto ao casal divino, Asherah e YHWH, temos dois textos que apresentam este tema. O primeiro é a proibição em Dt 16,21: "Não plantarás para ti *'ăšērâ* qualquer árvore ao lado de altar de YHWH, teu Elohim, que fizeres para ti". O verso seguinte acrescenta a proibição de levantar estela porque "odeia YHWH, teu Elohim" (Dt 16,22). Este ódio de YWHW é reforçado pelos redatores bíblicos ao apontar a Deusa e seus símbolos como justificativa para o castigo divino. Por exemplo, em 1Rs 14,15, na profecia contra Jeroboão, informa que o castigo virá sobre Israel "porque fizeram *'ăšērôṯ* deles provocando à ira YHWH".

O segundo texto pertence à perícope sobre a reestruturação religiosa[4] promovida por Josias, 2Rs 23,4-14. Especificamente os v. 6 e 7 narram a retirada de Asherah da casa de YHWH e sua destruição, bem como o encerramento dos serviços cúlticos à Deusa. Considerando as escavações em Tel Arad, especificamente o santo dos santos com as estelas representando o casal divino, a Deusa Asherah, plausivelmente, estava ao lado de YHWH, ainda que algumas transmissões do texto massorético tenham retirado o nome de YHWH deste versículo, como ocorre nos fragmentos da Guenizá do Cairo, no intuito de desvincular o culto à Asherah de YHWH.

Ademais, ao comparar as ações contra a Deusa Asherah e contra as outras divindades mencionadas na narrativa de 2Rs 23,4-14, nota-se que nenhuma delas tem a sua

[4] Opto por reestruturação religiosa/cúltica ao invés de reforma, pois esta última pressupõe que algo estava ruim, com defeitos e necessitava reformar para melhorar. Já o termo reestruturação traz a ideia de uma nova estrutura cúltica/religiosa, evitando assim o julgamento de valor ao culto judaíta.

representação destruída, somente Asherah. Baal não tem sua representação destruída, apenas os utensílios utilizados em seu culto que são queimados e as atividades daqueles que o servia foram encerradas, porém, suas características enquanto deidade são preservadas. Ele é apresentado como rival de YHWH, e, ao mesmo tempo, algumas de suas características são assimiladas pelo próprio YHWH, como a morada no monte, além dos inimigos caóticos (MATOS, 2020, p. 7-9). Por outro lado, Asherah, é destruída, queimada e pulverizada neste texto, além de ser depreciada em outras narrativas bíblicas, sendo sua representação uma "imagem abominável" (*miṗleṣeṯ*) (cf. 1Rs 15,13), o que provoca o ódio (cf. Dt 16,21-22) e a ira de YHWH (cf. 1Rs 14,15).

De modo semelhante, as divindades astrais têm seus objetos destruídos e serviços cúlticos encerrados na narrativa de 2Rs 23,4-14. Quando o texto se refere a Moloque, Astorete, Kemosh e Milcom, menciona a profanação dos locais de culto destas divindades (vv. 10.13). Somente a representação da Deusa Asherah é queimada e pulverizada. Representação sim, pois a Deusa não é mencionada como um objeto cúltico, como acontece no v. 14, por isso, possivelmente, seria uma imagem da própria Deusa.

Deste modo, tanto Dt 16,21 quanto 2Rs 23,6-7, apontam para o culto ao casal divino em Israel e Judá, e, especificamente em Jerusalém, assim como a crença difundida entre as pessoas, visto que, não se proíbe algo que não acontecia. De acordo com Elisabeth Schüssler Fiorenza (2009, p. 208) quando há alguma proibição, especialmente em relação às mulheres, e acrescento aqui a Deusa, na realidade, elas estavam tão engajadas que ameaçavam a ordem *kyriarcal*[5]. Neste sentido, a crença e o culto ao casal divino, e especificamente à Asherah, ameaçavam o projeto monolátrico da reestruturação religiosa josiânica. Projeto monolátrico, pois não há a negação de outras divindades, apenas são destruídos os seus altares e queimados os seus objetos de culto, isso em relação às divindades masculinas. No que se refere ao casal divino, nota-se, neste momento da escrita, um 'divórcio' de YHWH e Asherah com intenso uso de violência, conforme observado acima.

Segundo Paul Ricoeur (2020, p. 93-95), uma das características da manipulação da memória, especialmente em relação à memória coletiva, é o abuso, entendido por ele como resultado de uma manipulação consertada da memória e do esquecimento por detentores do poder. Para ele, discutir a manipulação da memória é falar dos abusos de memória e os abusos de esquecimento a serviço da busca e reivindicação da identidade. E, algumas vezes, para referendar estes abusos de memória e esquecimento faz-se uso da violência fundadora. Ou seja, celebram-se os acontecimentos fundadores, os quais são essencialmente atos violentos legitimados posteriormente por um Estado. Assim, o que para alguns pode significar glória, para outros são humilhação e violência. Destarte, a narrativa de 2Rs 23 como um todo, demonstra esta violência fundadora da monolatria javista.

4 Considerações finais

O presente artigo demonstrou, a partir das análises de evidências arqueológicas, a crença e o culto ao casal divino, Asherah e YHWH, em diversos espaços sociais: famili-

[5] Conceito utilizado por Elizabeth Schüssler Fiorenza para redefinir a categoria analítica do patriarcado em termos de estruturas interseccionais múltiplas de dominação.

ar, comercial e monárquico. Todavia, os redatores bíblicos transformam uma Deusa autóctone em uma divindade estrangeira, além dela e de seus símbolos serem retratados de modo pejorativo, associados à maldade, iniquidade, abominação, e até mesmo o que causa o ódio em YHWH.

Ainda que os redatores bíblicos tentem separar o casal divino através da manipulação da memória, segundo pressupostos de Paul Ricoeur, há dois textos que expressam este culto ao casal divino, inclusive no templo de Jerusalém: Dt 16,21 e 2Rs 23,6-7. No primeiro, há a proibição de plantar uma *ăšērâ* ao lado de YHWH. No segundo, há a retirada da representação da Deusa do templo de Jerusalém, seguindo de sua destruição: queimar e pulverizar. Para impor a monolatria javista, o culto à Deusa precisa ser extinto da forma mais violenta possível. Tal violência se intensifica no v.14, ao masculinizar o símbolo da Deusa: *'ăšērîm,* pois visa negar a existência de uma divindade feminina no templo, ao lado de YHWH. Para os redatores bíblicos, é melhor considerar a existência de um objeto idolátrico de madeira estrangeiro, já que o termo aparece junto a três divindades estrangeiras, do que reafirmar a presença de uma Deusa no templo de Jerusalém. É preciso apagar, ou tentar apagar, todos os rastros da memória da Deusa Asherah, especialmente a sua relação com YHWH. Nega-se a Deusa para que o Deus, masculino, YHWH, sobressaia como única divindade a ser cultuada no templo de Jerusalém.

No entanto, reconhecendo estes abusos de memória e esquecimento, pode-se elaborar uma nova memória: havia um culto oficial ao casal divino, no qual homens e mulheres serviam ao casal divino no sacerdócio. O culto à Deusa não era estrangeiro, nem restrito aos lugares altos e cume dos montes, muito menos ao ambiente doméstico, mas era um culto presente em todos os espaços da sociedade, inclusive no culto estatal, ao lado de YHWH.

Referências

ARIE, Eran; ROSEN, Baruch; NAMDAR, Dvory. Cannabis and Frankincense at the Judahite Shrine of Arad. *Tel Aviv – Journal of the Institute of Archaeology of Tel Aviv University*, Tel Aviv, v. 47, n. 1, p. 5-28, may 2020.

CARDOSO, Silas Klein. *Redes mágico-míticas no alvorecer de Israel:* "religião" no platô de Benjamim no Ferro I-IIA. Tese (Doutorado em Ciências da Religião) – Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2019.

CORDEIRO, Ana Luísa Alves. *Onde estão as Deusas?* Asherah, a Deusa proibida, nas linhas e entrelinhas da Bíblia. São Leopoldo: Cebi, 2011.

CROATTO, Severino. A deusa Aserá no antigo Israel. A contribuição epigráfica da arqueologia. *Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana*, Petrópolis, v. 38, p. 32-44, 2002.

FINKELSTEIN, Israel. *O Reino esquecido:* Arqueologia e História de Israel Norte. São Paulo: Paulus, 2015.

GILMOUR, Garth. An Iron Age II Pictorial Inscription from Jerusalem illustrating Yahweh and Asherah. *Palestine Exploration Quarterly*, London, n. 141, v. 2, p. 87-103, 2009.

HADLEY, Judith M. *The Cult of Asherah in Ancient Israel and Judah:* Evidence for a Hebrew Goddess. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.

HADLEY, Judith M. The Khirbet El-Qom inscription. *Vetus Testamentum*, Leiden, v. 37, n. 1, 1987, p. 50-62.

KAEFER, José Ademar. *Arqueologia das terras da Bíblia*. São Paulo: Paulus, 2012.

OEMING et al. Late Bronze Age Figurines from Tel Azekah. *In:* DIETRICH, Manfried (org.). *Ugarit-Forschungen***:** Internationales Jahrbuch für die Altertumskunde Syrien-Palästinas. Münster: Ugarit-Verlag, 2016, p. 205-219.

MATOS, Sue'Hellen Monteiro de. *As sagradas de Asherah e YHWH*: narrativa e memória - o sacerdócio feminino no templo de Jerusalém. São Paulo: Editora Recriar, 2024.

MATOS, Sue'Hellen Monteiro de. Os inimigos de Baal e Anat: o caos no Ciclo de Baal e Anat e suas ressonâncias nos textos da Bíblia Hebraica. *Teocomunicação***,** Porto Alegre, v. 50, n. 2, p. 1-9, jul./dez. 2020.

NA'AMAN, Nadav; LISSOVSKY, Nurit. Kuntillet 'Ajrud, sacred trees and the Asherah. *Tel Aviv – Journal of the Institute of Archaeology of Tel Aviv University***,** Tel Aviv, n. 35, p. 186-208, 2008.

RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas: Editora Unicamp, 2020.

RÖMER, Thomas. *A origem de Javé:* O Deus de Israel e seu nome. São Paulo: Paulus, 2016a.

RÖMER, Thomas. A atual discussão sobre a chamada História Deuteronomista: crítica literária e consequências teológicas. *In:* CARNEIRO, Marcelo da Silva; OTTERMANN, Monika; FIGUEIREDO, Telmo José Amaral de (org.). *Pentateuco:* da formação à recepção. São Paulo: Paulinas: ABIB, 2016b.

RÖMER, Thomas. The Rise and Fall of Josiah. *In:* LIPSCHITS, Oded; GADOT, Yuval; ADAMS, Matthew J. *Rethinking Israel:* Studies in the history and archaeology os Ancient Israel in honor of Israel Finkelstein. Winona Lake: Eisenbrauns, 2017, p.329-340.

SCHMIDT, Werner H. *Introdução ao Antigo Testamento*. 4. ed. São Leopoldo: Sinodal, 2009.

SCHÜSSLER FIORENZA, Elisabeth. *Caminhos da Sabedoria:* uma introdução à interpretação bíblica feminista. São Bernardo do Campo: Nhanduti Editora, 2009.

SMOAK, Jeremy; SCHNIEDEWIND, William. Religion at Kuntillet 'Ajrud. *Religions*, Basel, v. 10, p. 1-18, 2019.

THOMPSON, John A. *A Bíblia e a Arqueologia:* quando a ciência descobre a fé. São Paulo: Vida Cristã, 2007.

UEHLINGER, Christoph. Anthropomorphic cult santuary in Iron Age Palestine and the search for Yahweh's cult images. *In:* TOORN, Karel Van Der (org.). *The Image and the Book:* Iconic Cults, Aniconism, and the Rise of Book Religion in Israel and the Ancient Near East. Leuven: Uitgeverij Peeters, 1997. p. 97-156.

ZEVIT, Ziony. The Khirbet el-Qôm Inscription Mentioning a Goddess. *Bulletin of the American Schools of Oriental Research*, Chicago, n. 255, p. 39-47, 1984.